VARIAÇÕES LEXICAIS DO PORTUGUÊS DE/EM CONTATO COM A
LÍNGUA WAJÃPI: UMA ABORDAGEM GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Maria Doraci Guedes Rodrigues¹

Abdelhak Razky²

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo mapear, descrever e analisar, em uma perspectiva Geossociolinguística, A Variação Lexical do Português Brasileiro Falado na Terra Indígena Wajãpi, no Estado do Amapá. O estudo aqui proposto adotou o modelo e os procedimentos de análise que consideram os princípios da Geolinguística e da Dialetologia Pluridimensional (CARDOSO, 2010; RAZKY, 1998) e (RADTKE e THUN, 1996). Para tanto, o *corpus* foi coletado por meio da aplicação do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) 2001, no qual contém 202 questões, distribuídas em catorze campos semânticos, mas que foram adaptadas para melhor cumprir os objetivos da pesquisa em tela. Nesta foram consideradas 121 questões, aplicadas a 20 informantes, quatro de cada ponto de inquérito, nas comunidades de Aramirã, Pairakae, CTA, Maririry, Kurani'yty, com perfil estratificado de acordo com sexo, idade e escolaridade; o primeiro grupo é composto de um homem e uma mulher, na faixa etária de 18 a 30 anos, não alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental; o segundo grupo, também composto por um homem e uma mulher, na faixa etária de 40 a 70 anos, não alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental. Com base na análise dos resultados, constatou-se que apesar de a produtividade de língua portuguesa ser frequente pelos homens mais idosos, notou-se que existe um baixo processo de aprendizagem do português pelos falantes de primeira faixa etária e isso se deve ao fato de que eles ainda preservam a língua materna, haja vista o índice elevado de sem respostas (SR) às perguntas do questionário aplicado.

Palavras-chave: Geossociolinguística. Variação lexical. Dialetologia pluridimensional.

RÉSUMÉ: Ce travail a comme but à cartographier, décrire et analyser, dans une perspective Geossociolinguistique, La Variation Lexicale du Portugais Brésilien parlé dans la communauté Wajãpi indigène dans L'état d'Amapá. Cet étude a adopté le modèle et les procédures d'analyse qui tiennent en compte des principes de la Geolinguistique et Dialectologie pluridimensionnelle (CARDOSO 2010; RAZKY, 1998) et (RADTKE & THUN, 1996). Ainsi, le

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará- UFPA; guedesufpa@gmail.com

² Doutor em Linguística; Membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPGL/UFPA e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- nível 2; arazky@gmail.com

corpus a été récolté par l'application du Questionnaire Sémantique Lexicale (QSL) du Projet Atlas Linguistique du Brésil (ALiB) 2001, qui contient 202 questions, réparties en quatorze champs sémantiques, mais ont été adaptés pour mieux répondre aux objectifs de la recherche, ensuite ont été considérés 121 questions, appliqué à 20 informateurs, quatre dans chaque point de l'enquête dans les communautés de Aramirã, Pairakae, CTA, Mariry, Kurani'yty avec profil stratifié selon: le sexe, l'âge et scolarisation; le premier groupe est composé d'un homme et une femme, âgés de 18-30 ans, illettrés ou lettrés d'enseignement fondamental, le second groupe, également composé d'un homme et une femme, âgés de 40-70 ans, illettrés ou lettrés. Sur la base de l'analyse des résultats, il a été constaté que, malgré la productivité portugaise est souvent par des hommes plus âgés, il a été noté qu'il y a un faible processus d'apprentissage du portugais pour les hauts - parleurs de la première tranche d'âge (MA) et (AF) cela est par la raison qu'ils conservent encore leur langue maternelle, c'est pour ça qu'il y a un taux élevé de sans réponses (SR).

Mots-clés: Geossociolinguistique. Variation lexicale. Dialectologie pluridimensionnelle.

1 Introdução

O Brasil é um país plurilíngue, multiétnico e multicultural. Rodrigues (1993 *apud* LEITE, 2008, p.1), afirma que “antes da conquista Portuguesa eram faladas 1.273 línguas, porém essas línguas se reduziram e hoje, cerca de 180 línguas indígenas são faladas no Brasil, das quais a grande maioria encontra-se na região Amazônica”. Línguas que são faladas por povos autóctones, os quais habitam em diferentes territórios, como no Amapá, em que se concentra uma grande proporção de diferentes etnias, tais como: Wajãpi, Palikur, Karipuna, Wayana, entre outras.

Contudo, aceitar a realidade de que o Brasil é um país heterogêneo em termos linguísticos e socioculturais parece uma tarefa difícil, já que ainda se observa em muitos discursos a ideia de que o Brasil é monolíngue, onde todos falam uma língua nacional, a Língua Portuguesa (LP). De fato, precisa-se desmistificar essa concepção centralizadora de monolinguísimo, em que se menospreza a diversidade que é fruto de um país que nasceu a partir da miscigenação das línguas e

das culturas de matizes africanas, indígenas e de línguas europeias. Assim, os estudos linguísticos vêm demonstrando a primazia da LP nas áreas indígenas e que de fato se observa em algumas etnias, motivada pelo contato crescente de grupos indígenas com a sociedade que os circundam. Por outro lado, há uma luta dos indígenas pela conquista e demarcação de suas terras, assim como também por outros direitos constitucionais, considerando que o domínio do português é visto por eles como necessário para interagir mais eficientemente com o mundo dos “brancos”, além de julgarem adquirir prestígio com o domínio dessa língua.

Esse caso, aplica-se aos Wajãpi, que têm vivenciado um contato com o Português há pelo menos 200 anos, e atualmente parte representativa deles é bilíngue em Português e em Wajãpi. O contato entre essas línguas é, assim, propício a investigação, possibilitando para os estudiosos linguistas um campo rico em diversidade geossociolinguística, também pelo fato de existirem lacunas de estudos dialetológicos sobre o português falado em áreas indígenas. Dessa forma, o presente estudo pretende contribuir para preencher essa carência de pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas na região amapaense, especificamente na área indígena Wajãpi.

A presente investigação consiste no Mapeamento Lexical do Português Falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá por meio de uma abordagem geossociolinguística. Essa pesquisa encontra-se vinculada ao Macroprojeto Geo-sociolinguística e Socioterminologia - GeoLinTerm (UFPA), constituído de cinco eixos de pesquisa; esse estudo está, especificamente, voltado ao eixo, que compreende a elaboração do *Atlas Linguístico do Português em Áreas em Indígenas*- ALIPAI, integrante, por sua vez, do *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil*-ALSLIB. Esse Macroprojeto vem sendo realizado em parceria estabelecida entre a Universidade de Brasília-UNB e a Universidade

Federal do Pará-UFPA, cujo objetivo principal consiste em desenvolver o Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras, de forma a se construir um panorama que proporcione uma visão mais geral do português falado em áreas indígenas na Amazônia.

Nessa perspectiva, este artigo apresenta um mapeamento e descrição das variações lexicais do português brasileiro falado na Terra Indígena Wajãpi, doravante TIW (Terra Indígena Wajãpi), que está localizada no oeste do Estado do Amapá. O Wajãpi pertence ao subramo VIII, da família linguística Tupí-Guaraní, do tranco Tupí (Rodrigues, 1984-1985); o português nessa região é falado por uma população estimada em 1.200 pessoas, conforme Gallois (2011).

Neste estudo buscou-se responder às seguintes perguntas: (a) como se manifesta o léxico do português brasileiro falado na Terra Indígena Wajãpi? (b) quais as características diatópicas, diastráticas, diageracionais, diagenéricas que caracterizam o português falado nas comunidades indígenas Wajãpi? (c) o espaço indígena Wajãpi é caracterizado como pluridimensional? (d) como se organiza o perfil Geosociolinguístico da comunidade, em função dos diferentes usos do português e da língua indígena? e quais são as variedades que se sobressaem?

A pesquisa do contato da língua Wajãpi com o português justifica-se por possibilitar a investigação da diversidade lexical do português característico do contato linguístico com uma língua indígena da Amazônia, além de contribuir para o mapeamento das variações linguísticas do português amazônico. Trata-se de uma pesquisa inovadora e importante dada à emergência de se investigar como o léxico do português indígena, em pauta, se caracteriza e o que ele representa no cenário das variações do Português falado no Brasil.

Este artigo constitui um recorte de minha dissertação e está organizado em cinco seções: Uma introdução ao presente estudo, na

seção I; em seguida, é apresentada uma revisão da literatura abordando conceitos sobre a Geolinguística e a Dialetologia Pluridimensional na seção II; na sequência, seção III está elencado o embasamento metodológico da pesquisa e a seção IV traz uma amostra dos resultados com a apresentação de duas cartas geossociolinguística e as análises referentes aos dados dessas cartas; finalmente, na seção V encontram-se as considerações finais.

2 Dialetologia, Geolinguística e a Dialetologia Pluridimensional

A revisão da literatura pauta-se nos conceitos da Dialetologia, da Geolinguística e a Dialetologia Pluridimensional, as contribuições que sustentam as referências teóricas seguem abaixo.

Caracterizada como a ciência que estuda os dialetos de forma sistemática e interpretativa, a Dialetologia surgiu no século XIX e segundo Nelson Rossi (1980) ela

[...] se propõe inventariar, sistematizar e interpretar as variantes de uma língua ou de um grupo de línguas definido por qualquer afinidade entre elas, com especial atenção à distributividade-espacial, cronológica, socio-cultural etc.- dos traços linguísticos depreendidos. Baseia-se no princípio geral, formulado por Shuchartto, e de fácil comparação empírica, de que toda língua se caracteriza pela < unidade na diversidade > e pela diversidade na unidade. (NELSON ROSSI, 1980, p. 3298)

Ademais, a Dialetologia tem como meta, estudar detalhadamente a variedade linguística a partir da fala e, com isso, delinear a comparação dos diversos dialetos de um determinado ambiente. Por outro lado, a Sociolinguística surge com o intuito de abranger os estudos no espaço social, visto que, seu objeto de estudo é a diversidade linguística, ou seja, sua análise é focada “na língua falada, observada, descrita e estudada em seu contexto social, isto é, em situações reais

de uso”, conforme assegura Alkmim (2003, p. 31). Já a Dialetoлогия tem como finalidade o estudo das falas regionais, relacionando, assim, a língua e o espaço geográfico, o que a identifica com a linguística diatópica horizontal, enquanto que a Sociolinguística se preocupa com a relação entre língua e sociedade, aproximando-se da Linguística diastrática vertical.

Consoante Ferreira & Cardoso (1994, p. 18) “a dialetoлогия [...] demonstrou, e demonstra até os dias de hoje, seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação”. Cardoso (2010, p. 15) afirma, ainda, que “a dialetoлогия é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que a língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. E ao abrir um conjunto de possibilidade de variáveis, a Dialetoлогия representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre o contexto externo e interno da fala.

Colaborando com esse argumento ao retratar as fases da Dialetoлогия, Ferreira & Cardoso (1994, p. 44) ressaltam que a terceira fase “caracteriza-se pela produção dos trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcada pelo início das preocupações, desenvolvimento e implementação dos estudos de Geografia Linguística no Brasil”, momento que se acrescentou uma quarta fase, a qual proporciona não somente a constituição do ALiB, como também apresenta as inovações dos estudos dialetais brasileiros bem como os avanços da Geolinguística com as concepções de Atlas Estaduais.

Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.19), “a dialetoлогия não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialetoлогия”, ou seja, a geolinguística é um ramo de estudos da dialetoлогия, ela é derivada do vocábulo

“linguística” acompanhada do prefixo grego “geo” que significa “terra”, logo a geolinguística é a parte da dialetologia que se preocupa em pesquisar a língua no encadeamento geográfico.

De acordo com Coseriu (1982, p. 79) a “geografia linguística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo”, ela é um método cartográfico, surgido depois da dialetologia, considerado como um tipo de estudo amplo e reconhecido como um instrumento de pesquisa dialetológica.

A Geolinguística descreve a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos, considerando assim os fatores extralinguísticos. Segundo Coseriu (1965), a Geolinguística também chamada de Geografia Linguística é:

[...] la expresión “geografía lingüística” [...] presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados (COSERIU 1965, p. 05)³.

Sendo assim, como a Geolinguística é um método de pesquisa da Dialetologia, logicamente ela considera conforme Coseriu (1965) a fonética, a morfologia e a gramática utilizadas por cada informante em seu contexto de uso.

É importante ressaltar que para as pesquisas feitas por meio do método da Geografia Linguística com o intuito de averiguar as varie-

³ [...] a expressão “geografia linguística” [...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos e aos falantes estudados (tradução nossa).

dades diatópicas, diastráticas e diafásicas não se pode deixar de lado o modo pelo qual é utilizado na Dialetologia, como por exemplo, a preparação dos pontos a investigar, a elaboração do questionário, a coleta do material, a análise do material coletado, o registro do material analisado e o estudo de tudo que foi investigado por meio do trabalho pesquisado, tal como ocorre na produção dos atlas linguísticos.

Para tanto, Monteiro (2008, p. 30) salienta que na pesquisa da Geolinguística “o propósito principal é de elaborar análises minuciosas de variações dialetais, localizadas numa ampla área geográfica, apresentando em geral os resultados numa série de mapas reunidos”. No entanto, a pesquisa Geolinguística não se prende somente a análises minuciosas, mas também ao propósito principal de mapear e descrever os fenômenos de variação linguística, pois vale lembrar que essas análises minuciosas citadas pelo autor fazem parte da Linguística Funcionalista, ou seja, é competência da gramática funcional descrever as estruturas internas da língua, a língua como sistema funcional.

O método geográfico/linguístico constitui uma das grandes conquistas da ciência da linguagem, pois a Dialetologia e a Geolinguística vêm se transformando e ampliando seu escopo de estudo com as mudanças que ocorreram na língua e em todo seu contexto sociocultural.

A abordagem Geolinguística ampliou seu campo de observação, pois se configurava como eminentemente diatópica, ao registrar a variação espacial, mas com os avanços das pesquisas passou também a controlar variáveis sociais, como exemplo, a variação diastrática (classe social), variação diafásica (escolaridade), variação diagenérica (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras. Dessa forma, tem seu escopo ampliado e segundo alguns autores, como Razky (1998), a perspectiva da Geolinguística passa ser denominada

de Geossociolinguística, visto que passa a possibilitar uma análise mais abrangente de um determinado aspecto linguístico, configurando resultados mais realistas das línguas naturais. E ao abrir um conjunto de possibilidades de variáveis, a Dialetoлогия representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre os contextos externo e interno da fala.

Portanto, a Dialetoлогия, a partir de seu método geolinguístico, toma o espaço geográfico e o contexto sociocultural para a investigação da língua falada na dinâmica do uso real, pois os registros linguísticos mapeados por ela constituem documentos que norteiam e delimitam a língua, a história e a cultura de certa comunidade, delineando um percurso que demonstra a interação das línguas e apresenta, a partir desses contatos, a heterogeneidade geossociolinguística.

A Dialetoлогия tradicional deteve-se ao caráter monodimensional, porque os trabalhos realizados apresentavam apenas dados linguísticos baseados na dimensão diatópica. Com o avanço da Geolinguística contemporânea estabelecida por Thun (1999), a Dialetoлогия moderna passa ter uma perspectiva pluridimensional que utiliza parâmetros tanto da Geolinguística, tendo como base o espaço geográfico, como também se utiliza de princípios da Sociolinguística explorando os estudos da variabilidade sociocultural, configurando assim, segundo Cardoso (2010, p.62), “a diversidade de espaços físicos e geopolíticos que se junta à consideração dos parâmetros “diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, diarreferecial”.

Dessa maneira, uma pesquisa fundada na Dialetoлогия Pluridimensional é dotada por uma diversidade de informações que consideram os aspectos bidimensionais, tridimensionais e pluridimensionais cunhados por Thun (1998). Segundo esse autor, *Idem* (1998, p. 68) “a dialetoлогия pluridimensional e relacional, quando trabalha

com a geolinguística, não pode cumprir sua missão sem fornecer visualizações adequadas das macroestruturas do espaço variacional” isso porque considera em suas análises todos os princípios que estão inseridos no espaço variacional.

A Dialetoologia Pluridimensional descreve uma nova percepção do perfil dos informantes que, agora, é visto como um ser geograficamente localizado e socialmente envolvido no meio em que vive, considerando assim as variações. Cardoso, 2010, p.63 assinala que

O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática (CARDOSO, 2010, p.63).

A Dialetoologia Pluridimensional busca retratar os estudos no âmbito horizontal (construtivo), vertical e diagonal da língua falada. Segundo Thun (2005, p.71), essas dimensões são organizadas a partir de “parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas”, compreendida como parte da ciência geral da variação e das relações entre variantes e variedades, de um lado, e falantes, de outro.

Nesse sentido, as pesquisas elaboradas pela Dialetoologia Pluridimensional vão subsidiar estes estudos trazendo uma nova abordagem a partir deste roteiro de análise elaborado por Thun (*idem* 2005, p.71), que apresenta as dimensões e parâmetros que “regem as especificidades dos traços linguísticos em cada realização”. No roteiro são esquematizados diversos pontos, os quais são englobados nos dois

eixos, o horizontal e vertical, sendo respectivamente abarcados em dimensões da Dialetologia e Sociolinguística, as quais ao se entrecruzarem evidenciam a Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998). Esse conjunto de dimensões que tem como finalidade refletir sobre as variáveis na descrição da variação em dado espaço geográfico é compreendido mais pela sua constituição sociocultural do que pela posição físico-geográfica. As dimensões sociais dividem-se para possibilitar as descrições com especificidades de traços linguísticos em cada realização. Thun (2005) apresenta as dimensões, organizadas a partir de parâmetros que caracterizam a pluralidade da pesquisa pluridimensional tais como diatópica, diassexual, diagenérica e diageracional.

3 Metodologia

Para representar a variação lexical do Português falado na Terra Indígena Wajãpi (TIW) selecionaram-se cinco pontos de inquéritos dentro do território que correspondem aos limites político-administrativos do Estado do Amapá, ou seja, o município de Pedra Branca do Amapari, onde se localizam as TIW, tendo sido elencados os pontos (01) Aramirã, (02) Pairakae, (03) CTA, (04) Mariry e (05) Kuraní'yty. A distribuição desses pontos pode ser visualizada no Mapa 01 seguinte.

Figura 1. Rede de Pontos do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi

Fonte: Piera Amora (NAEA/UFPA).

Foram consideradas as seguintes variáveis: a Dimensão Diatópica, que se refere à disposição espacial (geográfica) da rede de pontos de inquéritos selecionados; a Dimensão Diagenérica ou Diassexual, que engloba a estratificação do sexo masculino e feminino dos informantes; e a Dimensão Diageracional, a qual é relativa à faixa etária, geração I e geração II dos informantes falantes da língua portuguesa.

Quanto aos informantes, foram selecionados 4 de cada aldeia Wajãpi, totalizando 20 informantes nas cinco redes de ponto de inquérito, com o perfil estratificado em gênero, idade e escolaridade. O primeiro grupo é composto de um homem e uma mulher, na faixa etária de 18 a 30 anos, não alfabetizado (a) ou alfabetizado (a) até a 8ª série do ensino fundamental; o segundo grupo, também composto por um homem e uma mulher, na faixa etária de 40 a 70 anos, não alfabetizado (a) ou alfabetizado (a) até a 8ª série do ensino fundamental.

Os informantes responderam ao **Questionário Semântico Lexi-**

cal (QSL) que foi adaptado do projeto atlas linguístico do Brasil - ALiB, (2001), totalizando cento e vinte uma (121) questões, distribuídas em catorze (14) campos semânticos, considerando-se os contextos socio-culturais dos falantes.

A seção 4 seguinte apresenta, através de duas cartas, a análise e a discussão dos resultados concernentes à variação do léxico do Português falado pelos Wajãpi, na T.I.W, no oeste do Estado do Amapá.

4 Análise dos Resultados

As discussões foram feitas a partir das cartas que focalizam a variação pluridimensional dos lexemas no nível diatópico. Apresentam-se também tabelas e gráficos que representam as análises das cartas Geossociolinguísticas, com números de ocorrências das variantes e das percentagens de acordo com a totalização do referido *corpus*.

4.1 Análise Diatópica

Carta 1 - Item lexical *mosca varejeira*

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 01 anterior, correspondente no estudo original à carta 07, refere-se ao item **mosca varejeira** corresponde à pergunta 83 do QSL. Nela são apresentadas as 03 variantes produzidas pelos falantes das localidades em foco, que são: **mosca**, **moscão** e **mosca varejeira**. O resultado dessas variantes foi adquirido por meio da seguinte pergunta, “... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?”. Abaixo na tabela 09, pode-se verificar o nível de frequência de uso desses lexemas.

Tabela 1 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Mosca Varejeira)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Mosca	50%	25%	50%	25%	75%
2. Moscão	25%	-	50%	25%	25%
3. Mosca varejeira	25%	25%	-	25%	-
4. Sem respostas	-	50%	-	25%	-

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da leitura da carta 01 e da análise da tabela 01, nota-se que **mosca** é o léxico que mais se destaca em certos pontos, com nos

pontos 01 e 03, com (50%), e no ponto 05, com (75%), assim como também a variante **moscão** que se sobressai no ponto de inquérito 03, com (50%). Os termos **moscão** e **varejeira** aparecem no ponto 01 e 04 (25%), e ainda com a mesma porcentagem **mosca varejeira** é frequente nos pontos 01, 02 e 04, com (25%).

Gráfico 1 - Ocorrências em porcentagem para o item 83 – Mosca varejeira.

Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 1 demonstra a forma lexical **mosca** como a de maior ocorrência 45%; seguida de **moscão** com 25%; **mosca varejeira** com 15%; e 15% de sem respostas. De forma geral, consideramos o item dessa questão com produtividade e índice de ocorrência baixo, dada a resposta referir-se a um inseto bastante conhecido na região.

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 02, referente à carta 06 na dissertação base desse estudo, aponta para a denominação **bicho de fruta**. A partir da pergunta do QSL 86 “... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?”, foram obtidas as seguintes ocorrências: **tapuru**, **bicho de fruta**, **larva** e **verme**. A tabela 2 evidencia as frequências dessas variantes lexicais por localidade.

Tabela 2 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bicho de fruta)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Tapuru	75%	50%	50%	100%	75%
2. Bicho de Fruta	25%	-	25%	-	-
3. Larva	-	-	25%	-	-
4. Verme	-	25%	-	-	-
5. Sem respostas	-	25%	-	-	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar a tabela 2, observa-se que o léxico mais frequente foi **tapuru**; nos pontos 01 e 05, com (75%); 02 e 03, com (50%); e 04, em sua totalidade de uso (100%). As demais variantes aparecem nos pontos 01 e 03 (**bicho de fruta**), no ponto 03 (**larva**) e somente no

ponto 2 (**verme**) com porcentagem de (25%). O gráfico seguinte ilustra esses percentuais.

Gráfico 2 - Ocorrências em porcentagem para o item 86 – Bicho de fruta.

Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 02 retrata a variante **tapuru** como a mais recorrente, com cerca de 70% de ocorrências, seguido de **bicho de fruta** com 10%, **larva** e **verme** com 5%.

Portanto, o termo em questão é presente na realidade dos falantes, mas realiza-se com baixas variantes, tendo apenas uma como quase predominante.

4.2 Análise Social

Esta seção destina-se à análise geossocial de algumas variáveis extralinguísticas das cartas que foram apresentadas na seção 4.1 e serão juntamente correlacionadas às dimensões e parâmetros elencados neste trabalho, as quais caracterizam a pluridimensionalidade da pesquisa à luz da Dialetologia Pluridimensional e Relacional descritas no item 2. Essas dimensões compreendem aspectos da engrenagem social em que se considera o plano vertical, na rede de pontos em estudo, pois explicitam a realidade da fala e são corroboradas com os números de ocorrências das variantes e das porcentagens de acor-

do com a totalização do referido *corpus*.

O primeiro item analisado refere-se ao descrito na carta 01 denominado **mosca varejeira**, mostrado abaixo por frequência social na tabela 3. Em relação às variantes diageracionais, o lexema **mosca** obteve maior variabilidade, sequencialmente, nas faixas etárias de: homem mais jovem (MA) 80%; homem mais velho (MB) – mulher mais velha (FB) com 40% e mulher mais jovem (FA) com porcentagem de 20%. Sendo que, o lexema **moscão** é mais produtivo na segunda faixa etária, concomitantemente (MB) e (FB) com porcentagem de 40%. Já o lexema **mosca varejeira** registra-se na primeira faixa etária com 20% (MA) e 40% (FA).

A respeito das variantes diagenéricas denota-se que o lexema **mosca** é mais relevante na fala dos homens mais jovens (MA) 80% e homens mais velhos (MB) 40%; entre as mulheres mais jovens (FA) ocorre com apenas 20% e 40% para as mulheres mais velhas (FB). Já o lexema **moscão** tem predominância na fala tanto de homens quanto de mulheres mais velhos, ambos com 40%. A tabela 3 seguinte evidencia esses usos em termos percentuais.

Tabela 3 – Frequência das Variáveis Sociais por Gênero para o item lexical Mosca Varejeira

Variantes	MA	FA	MB	FB
Mosca	80%	20%	40%	40%
Moscão	-	20%	40%	40%
Mosca Varejeira	20%	40%	-	-
Sem respostas	-	20%	20%	20%

Fonte: elaborada pela autora.

O item lexical **bicho de fruta** é a outra variante analisada; abaixo podem-se verificar as frequências relativas dos usos ligados às variáveis sociais, na tabela 04. Ao analisar as diageracionais pode-se salientar que o lexema **tapuru** se sobressai com maior nível de variabilidade, sequencialmente, nas faixas etárias de: (MA) - (FB) com 100% e (FA) - (MB) com 40%. Com uma frequência mais baixa o lexema **bicho**

de fruta aparece na primeira faixa etária (FA) com porcentagem de 40%.

Quanto à atuação das variáveis diagenéricas observa-se que o lexema **tapuru** é mais falado tanto por homens, quanto por mulheres. Sendo que o lexema **bicho de fruta** é usado apenas por mulheres jovens (FA) 40% e os lexemas: **larva e verme** são usados somente por homens mais velhos (MB) 20%. Ressalta-se que a variante **tapuru** tão falada pelos Wajãpi é também de origem Tupí- Guaraní, esse lexema segundo o dicionário do Léxico Tupi-Português (2008, p.945) significa a “verme que vive no oco das taquaras”. O lexema **bicho de fruta** foi introduzido no léxico dos falantes Wajãpi, provavelmente, no contexto de interações pelos técnicos da Secretária Estadual de Saneamento e de Saúde, ao promoverem a formação dos agentes indígenas de saúde (AIS) e agentes indígenas de saneamento (AISAN).

Abaixo a tabela 4 aponta essa análise diagenérica em valores percentuais.

Tabela 4 – Frequência das Variáveis Sociais por Gênero para o item lexical Bicho de Fruta

Variantes	MA	FA	MB	FB
Tapuru	100%	40%	40%	100%
Bicho de Fruta	-	40%	-	-
Larva	-	-	20%	-
Verme	-	-	20%	-
Sem respostas	-	20%	20%	-

Fonte: elaborada pela autora.

5 Considerações finais

Os resultados explicitados nas análises anteriormente descritas, permitiram-me concluir que há uma variação lexical diatópica do português falado pelos informantes indígenas, pautada pela amostragem quali-quantitativa do mapeamento lexical apresentado através das cartas lexicais, corroboradas por tabelas e gráficos que permitem apontar as descrições das variantes nos diferentes caminhos pois, elas

se dispersam e se inter cruzam no plano da diatopia. Esse quadro possibilita afirmar que, essa variabilidade perpassa e se manifesta nos cinco pontos de inquéritos, porém com baixo índice de ocorrências, visto que o número de sem respostas é bem significativo, no entanto favorece a indicação de como se manifesta o léxico do Português Brasileiro falado na T.I.W, refletindo também que este espaço se caracteriza como pluridimensional.

Em relação aos aspectos diastráticos observou-se que existe uma variabilidade do uso do léxico em língua portuguesa no contexto social dos Wajãpi. Confere-se que alguns lexemas são mais usados por homens da segunda faixa etária, isso provavelmente, porque eles têm mais tempo de contato com os falantes da língua portuguesa, são eles que mais se deslocam para o centro urbano para resolver problemas de ordem administrativa, econômica e social. As mulheres da segunda faixa etária também estão no processo de aprendizagem do português, isso se deve ao fato de que são elas que acompanham seus maridos até a cidade e são as principais responsáveis pela educação e trato das crianças. Já as mulheres mais jovens, são muito tímidas, em geral têm baixo contato com o português e aprendem tardiamente, diferente dos homens, que devido a determinados fatores socioculturais preconizados nas comunidades indígenas tendem a aprender, em geral, mais cedo.

Em função disso, a análise social voltada às variáveis sociais (sexo e faixa etária) revelou uma maior produtividade nas ocorrências da língua portuguesa empregada pelos homens mais idosos. Notou-se também que há uma baixa aprendizagem do português pelos falantes de primeira faixa etária (MA) e (FA), independente de sexo, devendo-se isso à questão da aquisição inicial e preservação da língua materna, concretizada no índice elevado de sem respostas (SR) por esses falantes.

Referências

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; B.; A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** – 3. ed. v.1 – São Paulo: Cortez, 2003.

CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Dialectologia e Ensino-Aprendizagem da Língua Materna. In: MOTA, J. Andrade; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Documentos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. n. 2, p. 100.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de ladialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

_____. **La geografíalingüística**. Cuadernosdel Instituto LingüísticoLatinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.

FERREIRA, C. & CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

MONTEIRO, J L. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGUES, A. D.; Cabral, A. A. C. 2002. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. Em: Cabral, A. S. A. C.; A. D. Rodrigues (orgs.), **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história, tomo I**, 327-337. Belém: UFPA.

RODRIGUES, A. D. **Relações internas na família lingüísticaTupí- Guaraní**. Revista de Antropologia, vols. 27/28, 1985, p. 33-53

SANCHES, D. R. Variação lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá. Dissertação (Mestrado) – UFPA: Belém, 2015.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de lageolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **NeueWege der Romanischen-Geolinguistik**. Kiel: Westensee – Verlag, 1996. P.25-49.

_____. **La geolingüística como lingüística variacional general** (cone-

jemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congreso Internazionale Di Linguistica e Filologia Romanza, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org). Atti. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701 – 729.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org.). **A Geolingüística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 29-09- 2015.

THUN, H. O tratamento do material etnográfico no Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay (ADDU). In: **Encontro Sobre Cultura Popular**, 1997. Ponta Delgada – Açores. Actas. FUNK, G. (Org.). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.

_____. La géographielinguistique romane à la fin du XXe. Siècle. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998a, Bruxelas. Actes... v. 3. Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000b, p. 367-388.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata In: ZILLES, A. M. S. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata In: ZILLES, A. M. S. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p.71.

Enviado em: 30/01/2018

Aceito em: 28/02/2019